

Patricio Dugnani
Universidade
Presbiteriana Mackenzie,
São Paulo, SP, Brasil.

PÓS-MODERNIDADE, MEIOS DE COMUNICAÇÃO E A INCERTEZA NA SOCIEDADE DO CANSAÇO

POSTMODERNITY, MEDIA AND UNCERTAINTY IN THE SOCIETY OF TIREDNESS

RESUMO

Pretende-se observar nesse artigo a sociedade pós-moderna, partindo da hipótese que as sensações de cansaço e incerteza estão relacionadas ao uso dos meios de comunicação e a um processo direto de alienação. Levando-se em consideração essa hipótese, busca-se compreender como esses fenômenos contemporâneos são influenciados pelo uso dos meios de comunicação. Nesse artigo afirma-se, também, que essas sensações de cansaço e de incerteza presentes na Pós-modernidade influenciam no aumento dos discursos fundamentalistas, que se disseminam pelos meios de comunicação. Dessa forma trata-se de uma pesquisa exploratória, baseada em um levantamento bibliográfico.

Palavras-chave: Meios de Comunicação; Pós-modernidade; Incerteza; Sociedade do cansaço; Cultura.

ABSTRACT

It is intended to observe in this article the postmodern society, starting from the hypothesis that the feelings of tiredness and uncertainty are related to the use of the means of communication and to a direct process of alienation, we seek to understand how these contemporary phenomena are influenced by the use of the media. This article also states that these feelings of tiredness and uncertainty present in Postmodernity influence the increase in fundamentalist discourses, which are disseminated by the media. Thus, it is an exploratory research, based on a bibliographic survey.

Keywords: Media; Postmodernity; Uncertainty; Society of tiredness; Culture.

Recebido: 24/06/2020 / Aprovado: 14/09/2021

Como citar: DUGNANI, Patricio. Pós-modernidade, Meios de Comunicação e a Incerteza na Sociedade do Cansaço. Revista GEMInIS, v. 12, n. 2, pp. 394-409, mai./ago. 2021.

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 3.0 Internacional.

1. INTRODUÇÃO

“Eu, brasileiro, confesso. Minha culpa, meu pecado. Meu sonho desesperado. Meu bem guardado segredo. Minha aflição.”

Torquato Neto

Parafrazeando a célebre frase “O sonho da razão produz monstros” de uma gravura do pintor espanhol Francisco Goya, da coletânea denominada Os Caprichos (1797 a 1798), acredito que a Pós-modernidade e o seu discurso, muitas vezes simulado, de uma comunicação livre, e de um respeito às diversidades, está com seus dias contados, pois o cansaço das incertezas atingiu à sociedade, a qual parece clamar, não pela liquidez (BAUMAN, 1998), mas por qualquer solidez, qualquer porto, qualquer madeira que o sustente e não o deixe se afogar. Dessa forma, a frase de Goya para os nossos dias seria: O cansaço da incerteza está produzindo seus monstros.

Até por isso que o sujeito pós-moderno se encontra muitas vezes perplexo, quando se depara com discursos fundamentalistas, posições que defendem o senso comum sem nenhuma reflexão mais profunda. Ou ainda quando se confronta com candidatos com legendas maniqueístas que pregam o ódio e o preconceito. Todos esses monstros podem ser vistos diariamente nas redes sociais pregando a guerra e a destruição daquilo que não é ele, ou seja, daquilo que não concorda com a sua visão estreita e dogmática. O pior é que são alimentados cuidadosamente pelos próprios medos e incertezas emanados pela sociedade. Afinal, na Pós-modernidade se cultivou cuidadosamente o alimento dos monstros, o medo e a sensação de incerteza. Esses monstros, agora, facilmente podem ser percebidos e localizados nos discursos simplistas das redes sociais, ou em grande quantidade nas notícias falsas (*fake News*) que povoam os meios digitais, confundindo a interpretação e a compreensão de mundo do sujeito pós-moderno. Vive-se um momento, que, infelizmente, não é singular, pelo contrário, já foi visto em outras épocas. Momentos, como por exemplo, no início do século XX, ou durante a II Guerra Mundial. Essa repetição de fatos é que deve preocupar a sociedade na Pós-modernidade, pois, na década de 30, a ascensão do Nazismo, parece guardar algumas semelhanças com o momento presente e a nova ascensão mundial de ideais fundamentalistas.

Esses discursos ganham fôlego, até porque o sujeito pós-moderno está disposto a acreditar em qualquer promessa de certeza, qualquer fala que se diz verdadeira. O cansaço da incerteza produz, partindo das ideias de Byung-Chul Han (2015), um cansaço da alteridade, um cansaço do outro, da contradição. A contradição tem sido culpada pela sensação de incerteza, mas é ela que pode retirar do ser humano essa sensação. Se não for por esse caminho, resta apenas a alienação, ou, melhor, a auto alienação. O sujeito pós-moderno parece aceitar a alienação pelo medo da incerteza, pelo prazer de encontrar, mesmo que ilusoriamente, uma paz criada e protegida num ambiente alienatório. Essa

é a brecha que os novos discursos estão aproveitando, pois, nada mais adequado nesse momento, do que lembrar de uma frase da música *Maior Abandonado* (1984) de Cazuza, que dizia: “... mentiras sinceras me interessam”. No cansaço da incerteza, na Pós-modernidade, o sujeito está cada vez mais sendo influenciado por falsas verdades, falsos fatos, falsas notícias (*fake news*) por medo. Medo da insegurança, medo da incerteza. Esse medo acaba abrindo caminho para aceitação de discursos fundamentalistas, preconceituosos. Discursos de ódio ou preconceito que são aceitos muitas vezes por um cansaço da própria incerteza.

A sociedade contemporânea aceita qualquer mentira sincera para aliviar as suas incertezas. Discursos proferidos por grupos que tinham perdido seu espaço, mas, que não haviam desaparecido e, agora, ganham nova força para emergir de seu fosso escuro. Por isso, pretende-se observar nesse artigo a sociedade pós-moderna, partindo da hipótese que as sensações de cansaço e incerteza estão relacionadas ao uso dos meios de comunicação. Esse artigo buscará, também, observar essa sensação de cansaço e de incerteza da Pós-modernidade, como um sintoma para o aumento dos discursos fundamentalistas que estamos vivenciando. Para essa análise, que será focada principalmente nas questões de comunicação, sociedade, política e cultura, acredita-se que existe uma relação entre o funcionamento dos meios de comunicação digital e a Pós-modernidade, principalmente no que se refere à sensação de cansaço e incerteza. Essa análise será feita pelo viés da teoria dos meios de Marshall McLuhan (1996); pelas questões de totalitarismo debatidos por Hannah Arendt (2007); pelas observações sobre a neutralização das alteridades feita no livro *Sociedade do Cansaço* (2015), de Byung-Chul Han; além de analisar as características da Pós-modernidade pela visão de Stuart Hall (2004), Terry Eagleton (1998), Zygmunt Bauman (1998), e Gilles Lipovetsky (2015).

2. SUJEITO PÓS-MODERNO, MEIOS DE COMUNICAÇÃO E GLOBALIZAÇÃO

Nesse artigo acredita-se que no tripé conceitual formado pela constituição do sujeito pós-moderno, a revolução tecnológica dos meios de comunicação e o consequente processo de globalização, é que reside uma ideia que pode levar à compreensão de características marcantes da Pós-modernidade, e um indicativo para o cansaço da incerteza que parece crescer na contemporaneidade.

A fragmentação do sujeito pós-moderno (HALL, 2005), essa liquidez (BAUMAN, 1998) de suas relações e instituições, sofre influência da revolução tecnológica dos meios de comunicação – os meios digitais, as redes sociais, a internet. Essa influência se dá pela possibilidade de multiplicação da velocidade das mudanças, que a transmissão de informação imprime na sociedade. Uma sociedade que amplia suas relações entre seus indivíduos, que estende sua percepção para outras culturas,

constituindo-se, assim, uma cultura híbrida. Uma cultura que se desenvolve a partir de um processo de intertextualidade, descrita por Roland Barthes (2004), como o cruzamento de referências culturais, sociais, cronológicas. Esse cruzamento de culturas, esse hibridismo, vai alimentando e acelerando a velocidade do processo de globalização, que por sua vez é catalisado pela revolução dos meios digitais, o que amplia a troca de informações entre os diferentes grupos sociais, produzindo essa velocidade da mudança das metanarrativas, das expressões culturais, das questões morais, políticas, etc. Essa velocidade de troca de informações, acaba por influenciar a fragmentação e a liquidez do sujeito pós-moderno. Dessa forma, o esquema triangular apresentado entre o sujeito pós-moderno, a globalização e os meios de comunicação, fica mais bem representado por um ciclo, onde um elemento contribui com o outro, e todos juntos vão se constituindo como o panorama híbrido da sociedade contemporânea e de suas identidades, a qual denomina-se Pós-modernidade.

Como argumenta Anthony McGrew (1992), a “globalização se refere àqueles processos atuantes numa escala global que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo, em realidade e em experiência, mais interconectado”. (HALL, 2004, p. 69)

Para compreender o momento contemporâneo, denominado como Pós-modernidade, torna-se necessário observar as transformações velozes que compõem suas características, e a sensação de incerteza que esse fenômeno cultural produz na sociedade, além de observar sua forma cíclica, ou melhor, seu círculo vicioso de consequências.

Sendo um período marcado pelas incertezas, não poderia deixar de ser diferente, também a sua denominação apresenta uma grande variação entre as diferentes linhas de pesquisa que buscam conceituar a contemporaneidade. Além de Pós-modernidade, o momento contemporâneo também é denominado como: hipermodernidade, modernidade tardia, modernidade líquida, hiperrealidade, ou mesmo, neobarroco.

De qualquer forma, para esse artigo, pretende-se usar a denominação Pós-modernidade para identificar as características de nosso período. Essa terminologia será baseada na visão de Terry Eagleton, que define o momento contemporâneo, no livro *As ilusões do pós-modernismo* (1998), como sendo um período de revisão de conceitos cristalizados pela sociedade humana.

Pós-modernidade é uma linha de pensamento que questiona as noções clássicas de verdade, razão, identidade e objetividade, a ideia de progresso ou emancipação universal, os sistemas únicos, as grandes narrativas ou os fundamentos definitivos de explicação (EAGLETON, 1998, p. 07).

Partindo da definição de Eagleton (1998), observa-se a complexidade da Pós-modernidade nas características que a identificam nas mais diferentes áreas do conhecimento. No sentido estético, a Pós-modernidade é vista como um período que utiliza para sua expressão de estratégias como a citação, a paródia (HUTCHEON, 1991), e a intertextualidade, ou seja, o cruzamento de culturas e referências cronológicas diferentes (BARTHES, 2004). No sentido ético e moral, Lipovetsky observa uma condição bastante instável, permissiva que cria uma busca hedonista dos prazeres (CRUZ, 2018). No sentido psicológico, Joel Birman (2012), observa o sujeito como dotado de uma hiperatividade, que se manifesta de maneira mais visível, pois o indivíduo abandona seu modo interiorizado, por uma exteriorização mais performática. Ou seja, além do campo estético, a incerteza, as mudanças e a aceleração de todas as transformações, como define Hartmut Rosa (2019), são características perenes da Pós-modernidade e nos mais diversos campos do conhecimento humano. Essa constatação, que é bastante curiosa, além de irônica, revela uma condição interessante da Pós-modernidade: a única certeza desse período é a incerteza.

Já no campo da formação do sujeito pós-moderno, as opiniões continuam múltiplas, mas se encontram em algumas características. Para Han (2015), por exemplo, se caracteriza por um sujeito performático, da multitarefa, e de uma atenção dispersa. Opinião que Birman confirma em seu livro *O Sujeito contemporâneo* (2012).

Se a condição de ser ao mesmo tempo pausada e reflexiva delineava o estilo de ser na modernidade, não obstante as descontinuidades e as rupturas intempestivas que o marcavam e caracterizaram, a aceleração do sujeito é o que se destaca na contemporaneidade. O ser interiorizado no registro do pensamento se transforma no ser exteriorizado e performático que quer agir, antes de mais nada. Assim, a *hiperatividade* se impõe. Age-se frequentemente sem que se pense naquilo a que se visa com a ação de forma que os indivíduos nem sempre sabem dizer o que os leva a agir. O sujeito da ação tem a marca da *indeterminação*. No *cogito* da atualidade, o que se enuncia ostensivamente é: *agir*, logo *existir*. O agir é o imperativo *categórico* na contemporaneidade. (BIRMAN, 2012, p. 81)

Outro indicativo que se observa como característica comum e múltipla do sujeito pós-moderno está no campo do individualismo. Lipovetsky observa o individualismo como sinônimo de autonomia e emancipação, enquanto Bauman vê nesse fenômeno, o sintoma de ansiedade, fragmentação e insegurança (CRUZ, 2018).

[...] explorado por Lipovetsky no sentido de enxergar no individualismo contemporâneo o emblema da autonomia e da emancipação dos homens, predominando um pós-moralismo que não rejeita valores, mas rechaça a ética do sacrifício. [...] Assim, Bauman ressalta que os velhos conceitos que orientavam a vida do indivíduo moderno, na pós-modernidade, se esvaíram, tornando os

indivíduos como zumbis, mortos vivos. [...] O individualismo forma uma sociedade fragmentada em grupos e gera pessoas ansiosas e inseguras.

Sendo assim, embora existam diversos termos para definir o momento contemporâneo e sua identidade, para esse artigo, como dito anteriormente, será utilizado o termo Pós-modernidade para conceituar o período histórico, e o sujeito pós-moderno ((HALL, 2004) para representar a identidade cultural dessa época, pois foram considerados os conceitos que melhor representam o período histórico e a identidade do humano que nele convive.

Na verdade, concordando com Dugnani (2015), quando o autor aproxima a Pós-modernidade ao Barroco, observa-se em ambas características comuns como a incerteza, a contradição, a instabilidade, a mutação muito rápida. Com essas características, até a difícil conceituação do que é a Pós-modernidade, paradoxalmente e simultaneamente, se torna um sintoma de sua condição, bem como aquilo que a identifica. Então, é sob a marca da incerteza que se alicerça a Pós-modernidade.

Embora o termo “pós-modernidade” seja problemático porque parece indicar uma grande ruptura na história do individualismo moderno, o fato é que ele é adequado para marcar uma mudança de perspectiva nada negligenciável nessa mesma história. (LIPOVETSKY, 2004, p. 22)

A partir dessas considerações, observa-se que, tanto Jean François Lyotard, no livro *A condição pós-moderna* (2000), como Domenic Strinati, no livro *Cultura popular* (1999), afirmavam que vivemos a crise das metanarrativas, ou seja, os discursos fundadores de nossa cultura, como a moral, a ética, a religião, a política, estão se tornando obsoletos, o que acaba por criar um hiato, um vazio, naqueles discursos que considerávamos o alicerce de nosso pensamento, que considerávamos como verdade, fazendo com que cresça a sensação de incerteza. Por isso a Pós-modernidade é, também, chamada de era da incerteza.

Porém, pelo viés dos estudos de comunicação, principalmente da teoria dos meios representada por Marshall McLuhan (1996), é possível identificar um campo de influências que podem ampliar essa sensação de incerteza. Esse processo de ampliação das incertezas, tem também como suporte o uso dos meios de comunicação, principalmente os meios de comunicação digital, as redes sociais e a internet.

A ampliação dos discursos e da sensação de incerteza se multiplicam, pelo potencial de disseminação de informações que os meios digitais possuem, além da postura de cada indivíduo que participa do processo de comunicação. Isso ocorre pois, em primeiro lugar, segundo Henry Jenkins, em seu livro *Cultura de convergência* (2009), diferente dos receptores dos meios de comunicação de massa, que eram mais passivos, os receptores dos meios de comunicação digitais são mais ativos. Ou

seja, eles não querem mais apenas receber as informações, eles querem participar ativamente do processo de comunicação, interagindo e interferindo com a construção do conteúdo transmitido pelos meios. Os usuários dos meios de comunicação digitais não são mais meros receptores, mas são, ao mesmo tempo, potentes emissores. Esse processo é tão perceptível, que Alvin Toffler, em seu livro *A Terceira Onda* (1980), criou o termo *prosumidores* (*prosumers*) para identificar esse novo indivíduo contemporâneo, embora muitos outros teóricos desse período também desenvolveram conceitos semelhantes, como Décio Pignatári (2004), que em 1969, antecipou essa ideia, quando criou o termo *produssumidor*.

Esses *prosumidores*, ou seja, receptores e emissores, consumidores e produtores de informação, agora participarão da troca de informações de maneira mais ativa, pois com, e principalmente, utilizando os meios de comunicação digitais, o *prosumidor* se torna um emissor ativo, e não apenas um receptor de massa. Ou seja, cada *prosumidor* quer e tem o potencial de interagir com o conteúdo e a transmissão das informações de maneira efetiva, sendo um ponto essencial para os processos de comunicação contemporâneos. Esses novos processos de comunicação são perceptíveis em diversas áreas, como, por exemplo, no marketing, que tem se desenvolvido muito através da comunicação viral e do marketing de conteúdo (*branded content*). Essas duas novas estratégias refletem o potencial dos novos meios de comunicação digitais e de seus emissores e receptores, pois tanto na comunicação viral, como no marketing de conteúdo, os participantes do processo de comunicação, emissores, receptores, ou *prosumidores* são protagonistas ativos na construção e transmissão dos conteúdos. Em ambos os casos, a retroalimentação dos conteúdos, desenvolvida a partir de todos os participantes do processo de comunicação é que mantém o funcionamento e a eficiência da transmissão, emissão e produção da informação. O marketing viral se utiliza da transmissão das informações por meio do boca a boca, ou seja, pelo compartilhamento de conteúdos realizados por todos os internautas. Trata-se de uma atividade que necessita de uma ação coletiva, e não uma ação centrada nas grandes emissoras, como ocorria na época da hegemonia dos meios de comunicação de massa. Nesse sentido, para que haja o compartilhamento das informações, ou seja, que um conteúdo se torne viral, é preciso que, além de permitir que os *prosumidores* compartilhem as informações, incentivar que essa ação seja realizada. Nesse momento é que o marketing de conteúdo entra em ação, criando informações que incentivem os *prosumidores* a quererem compartilhar determinados conteúdos, levando e multiplicando as mensagens das marcas. Nessa nova dinâmica, cada indivíduo ganha o status de grande transmissor global, um novo tipo de meio de comunicação, tão eficaz, que, a exemplo das grandes emissoras de TV e rádio, tem potencial de estender suas ideias para todo o globo.

Observando essa nova dinâmica que constitui a comunicação contemporânea através dos meios digitais, é preciso resgatar o conceito de extensão de McLuhan (1996), pois para o autor, os meios de comunicação, mais do que meros transmissores de informação, são extensões da percepção, dos sentidos humanos. Dessa forma, o sujeito pós-moderno, com seus sentidos estendidos, é capaz de perceber e acessar mais informações, ampliando assim a sua onisciência dos acontecimentos do mundo, de todas as culturas. Levando em consideração que a informação é um conteúdo que produz transformação no comportamento, e na consciência humanas, quanto mais informações o sujeito pós-moderno está exposto, maiores e mais rápidas serão as transformações, as mudanças culturais, sendo assim, mais incerta será a compreensão da realidade. Ou seja, uma das fontes da sensação de incerteza da Pós-modernidade está localizada na hipervelocidade dos meios digitais e de sua capacidade de transmitir informações e estender a percepção humana. A colisão de verdades, de culturas, de metanarrativas produz transformações tão rápidas e dinâmicas, que competem com a nossa capacidade de nos adaptar, causando essa sensação constante de incerteza.

Nesse sentido, é preciso compreender os efeitos da Pós-modernidade, à partir da visão do uso dos meios de comunicação digital, através de uma relação triádica que se compõem pela interação entre o sujeito, no caso, o pós-moderno, classificado por Stuart Hall (2004); os efeitos globalizantes que resulta no que denominamos globalização, ou para McLuhan (1996), aldeia global; e, por fim, a própria influência na sociedade da revolução nos meios de comunicação, que os avanços tecnológicos da era digital produziram. Para analisar essa relação será necessário observar as características do sujeito pós-moderno, da Pós-modernidade, e dos meios de comunicação digital.

Dessa forma, e de maneira cíclica, como a argumentação anterior, o sujeito da Pós-modernidade, a globalização e os meios de comunicação digitais se constituem por um campo de influências mútuas, onde um está interligado ao outro, simultaneamente como causa e consequência, produzindo o efeito de crescimento da sensação de incerteza e, para essa análise, como será investigado a seguir, esse fenômeno está levando à sociedade para uma nova era, não das incertezas, mas do cansaço delas, o que torna-se perigoso, pois pode levar o sujeito pós-moderno, para uma adesão alienada à qualquer discurso que prometa perfeição e certezas.

3. CANSAÇO DA INCERTEZA E PÓS-MODERNIDADE

A partir do círculo vicioso descrito anteriormente, composto pelo sujeito pós-moderno, da globalização e dos meios digitais, uma das consequências mais preocupantes do processo de instauração de maneira intensa da sensação de incerteza na Pós-modernidade é a sensação de cansaço.

Um cansaço que Byung-Chul Han apresenta em seu livro *Sociedade do cansaço* (2015). Das diversas sensações de cansaço que se apresenta na Pós-modernidade, pretende-se destacar uma, a qual parece ter um potencial perturbador em relação, principalmente, ao posicionamento político do sujeito pós-moderno: o cansaço da própria incerteza. O cansaço da incerteza parece estar levando o humano da contemporaneidade a buscar e acreditar em qualquer indivíduo que possa prometer qualquer possibilidade de algo menos líquido (BAUMAN, 1998), menos descentralizado e fragmentado (HALL, 2004), menos incerto.

O cansaço descrito por Han é verificado pelo “desaparecimento da alteridade e da estranheza” (HAN, 2015: p. 10), e pela “massificação do positivo” (HAN, 2015: p. 21). Ou seja, os discursos de negatividade, contrários aos discursos eleitos como positivos como a verdade, o sucesso, a perfeição, estão sendo rerepresentados como certezas absolutas e inquestionáveis, porém, como dito, são verdades eleitas por alguns grupos, e não sintetizadas dialeticamente pela possibilidade em contrapor ideologias. A ideologia é apresentada, como conceitua Roland Barthes, em seu livro *Mitologias* (1999), de maneira naturalizada. Essa naturalização da ideologia é apresentada pelo autor, como a transformação de um discurso histórico, em um discurso natural. Barthes entende a ideologia na contemporaneidade, como um mito, pois ela é apresentada, não como um processo social e histórico, mas como se fosse inevitável, hereditária, ou seja, natural. Dessa forma a ideologia se torna um discurso imutável, sendo apresentada como certeza, como uma positividade, enquanto as contradições, que promovem a alteridade e, conseqüentemente, constituem os processos sociais e culturais, são classificadas como negatividades, incertezas, e descartadas do debate, constituindo um processo alienante de um discurso uniforme e único. “A violência não provém apenas da negatividade, mas também da positividade, não apenas do outro ou do estranho, mas também do igual (HAN, 2015: p. 15)”.

Esses discursos que minam o processo de alteridade ganham força de disseminação nas redes sociais e nos meios digitais, criando um discurso crescente de crença nas verdades ditas absolutas, nas positivities. Nesse processo Han afirma que o “excesso de positividade se manifesta também como excesso de estímulos, informações e impulsos. Modifica radicalmente a estrutura e economia da atenção” (HAN, 2015, p. 31). Com isso, a extensão (MCLUHAN, 1996) dos meios digitais promove essa disseminação de discursos, pois é capaz de estimular, através da quantidade intensa de informações, a mudança de comportamento e consciência dos seres humanos, produzindo a incômoda sensação de incerteza da Pós-modernidade, o que está levando a sociedade a uma exaustão, ao cansaço da incerteza. Esse cansaço propicia que discursos que vão contra a diversidade, promovendo muitas vezes a intolerância, mas trazendo em troca os discursos de certeza, perfeição e verdade

ganhem espaço nas mídias e na mente do sujeito pós-moderno.

O humano da Pós-modernidade, com a sua sensação de insegurança está disposto, como afirma Bauman (1998) a trocar sua liberdade pela sensação de segurança, apenas para a manutenção de sua satisfação, do prazer.

Você ganha alguma coisa, em troca, perde alguma outra coisa: a antiga norma mantém-se hoje tão verdadeira quanto o era então. Só que os ganhos e as perdas mudaram de lugar: os homens e as mulheres pós-modernos trocaram um quinhão de suas possibilidades de segurança por um quinhão de felicidade. Os mal-estares da modernidade provinham de uma espécie de segurança que tolerava uma liberdade pequena demais na busca da felicidade individual. Os mal-estares da pós-modernidade provêm de uma espécie de liberdade de procura do prazer que tolera uma segurança individual pequena demais. (BAUMAN, 1998, P. 10)

Esse sujeito, que tem como característica o hedonismo, busca na satisfação dos desejos imediatos, a sensação constante de prazer. Porém, esse prazer é volúvel, assim como a Pós-modernidade e suas incertezas, o que faz com que o sujeito pós-moderno não consiga satisfazer seu apetite, levando-o a prazeres cada vez mais voláteis, como afirma Gilles Lipovetsky (2007). Essa volatilidade dos prazeres não se sustenta por muito tempo, tornando um esse sentimento volátil, denominado pelo autor francês como felicidade paradoxal (2007). Lipovetsky, juntamente com Serroy, no livro *A Estetização do Mundo: viver na era do capitalismo artista* (2015), relaciona o hiperindividualismo do consumo como a busca constante do prazer, processo mediado pela emoção. Uma emoção estética.

O regime hiperindividualista de consumo que se expande é menos estatutário do que experiencial, hedonista, emocional, em outras palavras, estético: o que importa agora é sentir, viver momentos de prazer, de descoberta ou de evasão, não estar em conformidade com códigos de representação social. (LIPOVETSKY & SERROY, 2015, p. 30)

Essa volatilidade torna esse sujeito, conforme classifica Hannah Arendt, em seu livro *A condição humana* (2007), em um *Animal Laborans*, ou seja, o humano da Pós-modernidade é guiado pelo consumo, e pela satisfação de seus desejos, ou seja, é guiado mais por seu desejo de consumo, do que seus preceitos éticos e morais da ação política. Na Pós-modernidade o sujeito é mais reativo do que ativo, conforme afirmam Lilian Aparecida Cruz Dugnani (2016).

Nesse sentido o humano contemporâneo parece desenvolver mais reações instintivas, do que razões sociais, o que Han (2015) reafirma analisando o processo de multitarefas a que ele está subjugado e, que ao mesmo tempo está se subjugando. Pois esse processo, tanto da decadência da

alteridade, como das multitarefas que os meios digitais nos proporcionam, está representando um retrocesso na vida humana.

A técnica temporal e atenção *multitasking* (multitarefa) não representa nenhum progresso civilizatório. A Multitarefa não é uma capacidade para a qual só seria capaz o homem na sociedade trabalhista e de informação pós-moderna. Trata-se antes de um retrocesso. [...] Na vida selvagem, o animal está obrigado a dividir sua atenção em diversas atividades. Por isso, não é capaz de aprofundamento contemplativo. [...] Não apenas a multitarefa, mas também atividades como jogos de computador geram uma atenção ampla, mas rasa, que se assemelha à atenção de um animal selvagem. [...] A preocupação pelo bem viver, à qual faz parte também uma convivência bem – sucedida, cede lugar cada vez mais à preocupação por sobreviver. [...] A cultura pressupõe um ambiente onde seja possível uma atenção profunda é cada vez mais deslocada por uma forma de atenção bem distinta, a hiperatenção (*hyperattention*). (HAN, 2015: p. 31 a 33)

Esse fenômeno que torna o humano mais reativo, mais instintivo, também o leva à exaustão descrita por Han (2015), essa exaustão que o está levando ao cansaço da incerteza. Esse cansaço se reflete também na desesperança de um futuro, o que acelera o hedonismo desse humano, pois, em não se tendo um futuro confiável, o que resta senão a satisfação incondicional dos desejos no presente. Mas além do hedonismo, surge no sujeito pós-moderno uma estranha saudade, na verdade uma nostalgia, uma nostalgia do passado, de um passado cheio de satisfações idealizadas. Idealizadas pois o sujeito da Pós-modernidade sente saudade daquilo que sequer viveu, apenas conhece por histórias e o idealiza. Essa sensação é descrita por Bauman (2018) como uma retrotopia. Essa retrotopia o faz observar o passado como se algumas ideias dele se perderam, e precisam ser resgatadas. Nesse fenômeno é que está se fiando os discursos fundamentalistas que estão sendo resgatados, da promessa de algo perfeito que se perdeu. Processo que não é novo, pois pode ser observado fartamente em momentos em que as políticas totalitaristas estão sendo resgatadas. Basta lembrar-se dos discursos nazistas do resgate da raça ariana, somada ao resgate da antiguidade clássica como sinônimos de grandiosidade, de força e de perfeição, e compará-los aos discursos políticos oriundos de diversas plataformas, sendo emanadas de diversas nações diferentes. As positivities eleitas de forma aleatória e por interesses ideológicos da Pós-modernidade, desenvolvem uma violência contra o que é considerado negatividade, promovendo a sua exclusão dos discursos do cotidiano, o que leva os discursos para um patamar de verdade absoluta, criando um processo alienante na sociedade, que passa a não refletir, mas a reagir contra aquilo que não se assemelha à verdade que lhe é imposta de maneira exaustiva pelo discurso globalizante, dos meios de comunicação, querendo expurgar do pensamento da sociedade, tudo que possa ser considerado negativo à busca da perfeição idealizada. Perfeição essa, que somente pode ser alcançada pela alienação, pois não pode ser percebida de

maneira rápida, ou por uma análise superficial. “A violência da positividade não é privativa, mas saturante; não excludente, mas exaustiva. Por isso é inacessível a uma percepção direta” (HAN, 2015, p. 20).

Por isso o cansaço da sociedade descrito por Han (2015) deve ser analisado, tendo como alvo a relação entre o sujeito pós-moderno, a globalização e os meios de comunicação, para poder entender como essa relação produz o cansaço, e multiplica os discursos de intolerância. A sociedade pós-moderna corre um risco preocupante, de em troca de sua liberdade, para satisfazer seus prazeres imediatos, e pelo cansaço das incertezas e complexidades, buscar a alienação de discursos autoritários, de resgate de promessas de perfeição do passado, abandonando a busca de compressão das diversidades e desejando o alento nos braços das certezas determinadas e idealizadas de uma perfeição que não existiu no passado, e não existirá no futuro. Resta ao humano da Pós-modernidade apenas resistir às certezas, aprendendo a conviver com elas, ou alienar-se em uma utopia de promessas de perfeição. Qual será o caminho a seguir?

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observando a intensidade e a velocidade das transformações estéticas, sociais, políticas e culturais da Pós-modernidade foi possível refletir sobre o grau de complexidade das mudanças que o sujeito pós-moderno tem vivido, sentido e percebido em seu cotidiano. Essa complexidade atinge o pensamento do sujeito pós-moderno, fazendo com que ele passe a questionar as suas verdades, criando uma aura de incerteza, onde a cada dia, com a chegada de novas reflexões, torne-se necessário que ele se adapte, e se repense novamente.

Esse processo de transformação acelerado é alimentado pela revolução nos meios de comunicação, pois com o desenvolvimento dos meios digitais, a comunicação se tornou mais dinâmica, capaz de transmitir mais informações em um tempo menor. Esse processo influenciado pelo uso dos meios digitais, possibilitou que emissão e recepção se tornassem mais equilibradas. Diferente dos meios de comunicação de massa, onde a emissão estava concentrada nas mãos de poucos grupos com potencial econômico, os meios digitais possibilitaram que, com um baixo investimento, se pudesse realizar uma emissão mais individualizada, onde cada sujeito que compõem uma comunidade, torna-se capaz de disponibilizar mensagens que tem um alcance global. Essa disponibilização global de informações pelos indivíduos transforma o sujeito pós-moderno, de um receptor passivo, para um emissor ativo (JENKINS, 2015), que pretende interagir, e participar de maneira coletiva na construção das mensagens que vagam pelos meios digitais.

A participação de indivíduos de nações e culturas diferentes cria uma dinâmica onde não mais observa-se a hegemonia das mensagens massificadas dos meios de comunicação de massa, mas a fragmentação de diferentes opiniões, das culturas mais distantes, disponibilizadas pelos meios de comunicação digitais. Essa troca global de informações que se denomina como globalização, acaba por transformar culturas indicando um caminho para uma cultura global, de um sujeito global.

A mistura de culturas, acompanhada pelo cruzamento das mais diferentes referências artísticas, dos mais diferentes períodos históricos, que tem como suporte os meios de comunicação digitais, potencializam essa dinâmica, possibilitando uma troca mais veloz e intensa dessas referências, fazendo com que a estética contemporânea se inspirasse nessa expressão múltipla e diversa, que se compõem através do que Barthes (2004) chamou de intertextualidade.

Dessa forma para compreender essa incerteza e a liquidez da sociedade na pós-modernidade, descrita por Bauman (1998), além de entender o desenvolvimento da identidade cultural do sujeito pós-moderno, torna-se importante analisar a formação de uma cultura global que se dá através da globalização, além de perceber a influência do uso e das transformações que a revolução dos meios digitais tem nesse processo. Certamente a transmissão mais veloz de informações, através das mensagens enviadas pelos meios colaborativos e participativos, que vagam pelas redes, é um catalizador dessa velocidade vertiginosa das transformações na sociedade, e, conseqüentemente, responsável pela sensação de incerteza e pela necessidade de constante adaptação da consciência e comportamento do sujeito pós-moderno e, por que não dizer, da sociedade na Pós-modernidade.

No entanto, essa velocidade vertiginosa da transmissão de informações e o poder que o sujeito pós-moderno ganha como indivíduo e influenciador de ideias precisa passar por uma reflexão profunda, pois o deslumbramento causado por todo meio de comunicação, no caso da revolução digital tem produzido alguns efeitos bastante negativos. No caso do sujeito pós-moderno, que tinha seu potencial de participação na emissão de informações pelos meios de comunicação de massa, há muito tempo, limitado, agora se encontra deslumbrado pelo poder de participar mais fortemente e mais intensivamente do processo de emissão através dos meios digitais. Contudo esse sujeito que vinha se conformando passivamente em ser um receptor de massa, mera audiência, um receptor, agora quer avidamente ser, de qualquer maneira um emissor, não se importando com o conteúdo de suas mensagens. O que importa é emitir, é participar. Todo emissor dos meios digitais quer ser um superemissor, onipresente, onisciente e onividente. Porém essa busca parece levar o sujeito da Pós-modernidade a um caminho direto, não para a libertação, emancipação e esclarecimento, mas sim para a alienação. Essa alienação é potencializada pelo uso dos meios de comunicação e pelo cansaço da sensação da incerteza, característica básica da Pós-modernidade, de acordo com Bauman (1998).

O cansaço descrito por Han (2015) potencializa a alienação na Pós-modernidade. Seja por vontade própria, ou por estratégias de comunicação, o sujeito pós-moderno pode ser levado a esse processo de alienação, pois num território onde a diversidade de temas é substituída pela homogeneidade de opiniões galgadas, não em análises profundas e objetivas, mas em promessas feitas para atingir o senso comum, torna-se um ambiente fértil para alienar o humano. Ou seja, a falência da alteridade, das negatividades em nossa sociedade, produz uma uniformização dos discursos positivos (HAN, 2015), onde a busca por uma síntese dialética das contradições, seja substituída pela certeza da alienação.

Esse fenômeno pode ser observado constantemente em debates rasos feitos em redes sociais, que invariavelmente acabam não em uma síntese, mas em disputas violentas, com argumentações simplistas e óbvias. Esse fenômeno pode ser verificado, no momento contemporâneo, quando se observa o retorno a discursos com tendências fundamentalistas, e a ascensão de políticos que se utilizam desses discursos simplistas, para chegar ao poder. A era da incerteza, onde se constitui a Pós-modernidade, pode estar com seus dias contados, e pode estar sendo substituída por uma era de falsas certezas. Como diria uma canção do compositor Cazuza, “mentiras sinceras me interessam”. O sujeito da Pós-modernidade, por causa do cansaço da incerteza, pode estar disposto a acreditar em qualquer promessa, ou, como ocorre com frequência nas redes sociais, estaria disposto a acreditar em quaisquer notícias falsas (*fake news*), que o retire dessa instabilidade. Nesse momento, torna-se necessário lembrar que as promessas de um mundo perfeito, sempre pedem em troca a crença incondicional.

Por isso encerra-se essa reflexão com um alerta, o sujeito pós-moderno, devido ao deslumbramento do uso dos meios digitais, agora não quer mais receber, não quer mais escutar, pretende apenas emitir. Ou seja, o indivíduo na Pós-modernidade precisa reaprender a ouvir e refletir, antes de sair disparando suas opiniões contra aqueles que não concordam com suas ideias ou ideologias. Em não se organizando no sentido da busca de ampliação dos debates, a sociedade na Pós-modernidade caminha; mediada pelos meios de comunicação digitais; para um processo alienatório grave, pois já não consegue debater, preocupa-se basicamente em emitir suas opiniões, e tem sua interpretação de mundo confundida pela constante introdução de notícias falsas (*fake news*) na internet e nas redes sociais.

REFERÊNCIAS

ARENDT, H. **A Condição Humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

BARTHES, R. **Mitologias**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1999.

- _____. **O Rumor da Língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BAUMAN, Z. **Retrotopia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.
- _____. **O Mal-estar da Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1998.
- BIRMAN, J. **O Sujeito Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- CRUZ, D. N. da. Pós-modernidade ou hipermodernidade? O sujeito contemporâneo sob a ótica de Lipovetsky e Bauman. **Sapere Aude**, (2018), 351-371. <https://doi.org/10.5752/P.2177-6342.2018v9n18p351-371>.
- DUGNANI, L. A. Cruz; SOUZA, V. L. T. de. Psicologia e Gestores Escolares: mediações estéticas e semióticas promovendo ações coletivas. **Estudos psicológicos** (Campinas), Campinas, v. 33, n. 2, p. 247-259, June 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2016000200247&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 29/05/2018.
- DUGNANI, P. O Profano e o Sagrado no Barroco e na Pós-modernidade. **Dialogos**: set-dez 2015, Vol. 19 Issue 3, p1141-1159. 19p.
- EAGLETON, T. **As Ilusões do Pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- HALL, S. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro, DP&A, 2004.
- HAN, B. **Sociedade do Cansaço**. Petropolis: Vozes, 2015.
- HUTCHEON, L. **A Poética do Pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- JENKINS, H. **A Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.
- LIPOVETSKY, G. & SERROY, J. **A Estetização do Mundo: viver na era do capitalismo artista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- LIPOVETSKY, G. **A Felicidade Paradoxal**. São Paulo: Companhia das Letras. 2007.
- LIPOVETSKY, G. **Os Tempos Hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.
- LYOTARD, J. **A Condição Pós-moderna**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.
- MCLUHAN, M. **Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem**. Cultrix: São Paulo, 1996.
- PIGNATARI, D. **Contracomunicação**. Cotia: Ateliê, 2004.
- ROSA, H. **Aceleração A transformação das estruturas temporais na Modernidade**. São Paulo: Unesp, 2019.
- STRINATI, D. **Cultura Popular**. São Paulo: Hedra, 1999.

TOFFLER, A. **A Terceira Onda**. Rio de Janeiro: Record, 1980.

Informações sobre o Artigo

Resultado de projeto de pesquisa, de dissertação, tese: não se aplica.

Fontes de financiamento: não se aplica.

Apresentação anterior: não se aplica.

Agradecimentos/Contribuições adicionais: não se aplica.

Patricio Dugnani

Doutor em Comunicação e Semiótica PUC/SP, Mestre em Comunicação e Semiótica PUC/SP e Bacharel em Artes Plásticas pela Unesp. Professor nas áreas de Comunicação e Artes da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Professor de Artes do Colégio Giordano Bruno. Pesquisador do Grupo de pesquisa Observatório da Imagem e pesquisador no grupo de pesquisa (CNPQ) Linguagem, sociedade e identidade: estudos sobre a mídia, da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Autor e Ilustrador com os seguintes livros publicados: *A Herança Simbólica na Azulejaria Barroca* (2012). *O Livro dos Labirintos* (2004). *Ovelhas e Lobos* (2002), *Beleléu* (2003/ PNLD 2004), *O Seu Lugar* (2005/ PNLD 2006), *Um Mundo Melhor* (2006), *Beleléu e os Números* (2009), *Beleléu e as Cores* (2010), *Beleléu e as Formas* (2011), *Beleléu e as Palavras* (2014), *O que é preciso para voar* (2020). Pesquisador e Autor de artigos científicos das áreas de Comunicação, Sociologia Aplicada, Artes e Semiótica.

E-mail: patricio@mackenzie.br

ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-7877-4514>